

ENTREVISTA COM ISRAËL FINKELSTEIN

Por Antonio Carlos Frizzo*

Estou convicto de que ler as páginas bíblicas de modo ingênuo, descontextualizado é reproduzir o desrespeito para com os seus autores...

*Professor de Teologia bíblica no ITESP, com mestrado no Instituto Católico de Paris e doutorado pela PUC-Rio.

Resumo:

Em meados de 2013, professores e estudantes na esfera bíblica, ligados ao *Centro Bíblico Verbo*, resolveram realizar uma viagem de estudo por sítios arqueológicos em Israel. Michael Motola, diretor do *Centro de Educação Oranim*, localizado em Tivon, norte de Israel, pôs o grupo em contato com o professor Israel Finkelstein, diretor do *Instituto de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv* e codiretor da missão arqueológica Meguido, Galileia. O relator desse encontro teve a liberdade de promover algumas adaptações na tradução e na edição dessa entrevista.

Palavras-chaves: Bíblia; Arqueologia; História. Israel: Finkelstein, Universidade.

Abstract:

In mid-2013, *Word Biblical Centre* teachers and students performed a study tour to archaeological sites in Israel. Michael Motola, director of Oranim Educational Center in Tivon, northern Israel, put the group in touch with Professor Israel Finkelstein, director of the Institute of Archaeology at Tel Aviv University and co-director of the archaeological mission Megiddo, Galilee. Here you are an interview with Finkelstein with some helping changes and additional information in the translation and edition of this interview.

Keywords: Bible: Archaeology; History: Israel: Finkelstein; Tel Aviv University

¹ Na arqueologia o período de bronze é dividido em três momentos: Bronze Antigo 3.300 – 2200 a.C.; Bronze Médio 2200 – 1550; Bronze recente 1550 – 1200 a.C.

² A cidade de Meguido, localizada nas proximidades do Monte Carmelo, domina toda planície de Jezrael e, distante, a sudoeste de Nazaré, 17 quilômetros. Desde o período Calcolítico (3300 a.C.) ao período persa (536 a.C), estimasse que mais de 20 diferentes ocupações humanas utilizarem este estratégico lugar situado na rota do mar unindo o Egito à Síria. Na Bíblia, a cidade adquire um valor secundário: uma cidade cananea que recebeu importantes obras no tempo do rei Salomão (1Rs 9,15); na tradição deuteronomista, o local referenda a morte de dois reis de Judá: Ocozias (2Rs 9,27-29) e Josias (2Rs 23,29-30). Os primeiros trabalhos arqueológicos realizados em Meguido foram iniciados pelo Instituto Oriental de Chigado, em 1920.

Esta entrevista é resultado de um planejado encontro. Em meados de 2013, professores e estudantes na esfera bíblica, ligados ao *Centro Bíblico Verbo*, resolveram realizar uma viagem de estudo por sítios arqueológicos em Israel. Os locais a serem visitados foram previamente estudados. Livros, DVD's e um maior número de informações circularam entre os componentes do grupo. Michael Motola, diretor do *Centro de Educação Oranim*, localizado em Tivon, norte de Israel, de amigo passa a ser nosso embaixador ao contatar um nome que surge como o primeiro na lista quando o tema busca unir arqueologia e Bíblia: professor Israel Finkelstein, diretor do *Instituto de arqueologia da Universidade de Tel Aviv* e codiretor da missão arqueológica Meguido, Galileia. No segundo dia de viagem, nosso grupo é calorosamente recebido pelo professor Finkelstein. Nesta entrevista busca-se percorrer a visão singular e inquietante desse arqueólogo que optou em se aproximar da Bíblia e de sua história. Tive-se a liberdade de promover algumas adaptações na tradução e na edição deste encontro realizado na manhã de nove de dezembro, auditório *Moshe Danyan*.

Grupo: Conte-nos de suas atividades no mundo da arqueologia, de seus afazeres como professor e pesquisador.

Israel Finkelstein: Antes de qualquer coisa, gostaria de afirmar que estou me divertindo muito neste encontro. Vejo-me como uma pessoa de muita sorte. Quando eu era estudante não tinha condições para pagar meus estudos de arqueologia. Hoje, ganho a vida com arqueologia, embora não ganhe muito... (risos). Vocês vieram de longe. Empenharam-se por estar aqui e isso me comove. Sejam realmente bem vindos. Sou um professor de arqueologia com especialização na época do bronze, ensino história bíblica e outras coisas.¹ Atuo em três grandes projetos. Penso ser mais atraente afirmar que uso três importantes chapéus.

Grupo: Então, quais são estes importantes chapéus ou áreas nas suas pesquisas?

Israel Finkelstein: Meu primeiro chapéu é a escavação. Tenho em Meguido² meu importante projeto. A cada dois anos, saímos para a pesquisa de campo. Recentemente, estivemos dois meses no local, com um grupo de 140 estudantes e mais uma equipe de apoio formada por 30 pessoas que colabora-

ram diretamente na infraestrutura. Não apenas escavamos como também ensinamos os alunos. Iniciávamos os trabalhos bem cedo. Das 5h da manhã até às 13h as equipes estavam no campo. Na parte da tarde, ensinávamos, juntamente com todos da expedição, arqueologia e seus métodos, história de Meguido, datações, análises dos ossos, das porcelanas, os metais encontrados e outros temas relacionados ao universo da arqueologia. Esse tipo de trabalho acontece a cada dois anos e começamos com este ritmo há 20 anos. Nele se envolve uma grande equipe formada por especialistas nas áreas da metalurgia, geologia, arqueologia, zoologia, biologia e botânica. Por se tratar de um grande projeto é necessário algo indispensável, a saber: o dinheiro. E isto não é fácil, pois não recebemos nenhuma verba da Universidade, nem do Estado de Israel. Para isso, cada um tem que providenciar seus próprios recursos financeiros e torcer para ter apoio de algumas agências de pesquisas e doações privadas.

Grupo: Qual o orçamento estimulado para uma expedição deste tipo?

Israel Finkelstein: Para vocês imaginarem o custo de uma expedição como as que realizamos, num período de sete semanas no campo, sem contar fotografias, materiais de restaurações, tudo isso fica na casa de US\$ 350 mil, aproximadamente. Depois dessa primeira etapa, temos ainda todo o processo de catalogar e especificar os materiais recolhidos com um grande time formado por estudantes e especialistas. Eis aí um dos meus chapéus.

Grupo: Diga-nos sobre o segundo chapéu.

Israel Finkelstein: Um segundo chapéu, este sim, intensificado nos últimos cinco ou sete anos, é uma área de pesquisa que acontece com o apoio da União Europeia na esfera da Ciência da Vida e do Universo da geo-arqueologia. Olhando moléculas, detalhes moleculares que podem mudar o entendimento da história. Eis um projeto que me estimula muito. Percebo que estamos descobrindo elementos novos que podem nos ajudar a reconstruir o conhecimento da história humana. Esse projeto já gerou mais de 60 artigos em diferentes revistas especializadas. Recentemente estudando algumas moléculas descobrimos partículas de canela datando o ano 1000 a.C., da época dos fenícios, e, como canela é algo que não existe nesta região, somos convidados a pensar que o comércio entre os povos desta região com os povos da Índia eram muito mais frequentes do que podemos imaginar.

Outro exemplo, eu pessoalmente acredito que o futuro da pesquisa está baseado na análise da população e no estudo do clima. Por exemplo, um trabalho realizado na região do Mar Morto, em análises do pólen e do carvão encontrados naquela região. As análises dos materiais acenaram que entre os anos de 1250 a 1100 a.C, a região passou por uma forte crise climática. Um artigo publicado no *New York Times* teve grande repercussão nos ambientes de pesquisas. Por favor, não pensem que estou só ou que eu seja o líder nessa área de estudo. Formamos um grande time com a participação de dois botânicos – um da Alemanha e outro de Israel; dois geólogos e, na esfera da arqueologia molecular, contamos com a participação de um grupo de químicos. Reforçando: todo esse trabalho é feito em equipe. Conto, ainda, com um grupo de estudantes que eu, particularmente, acompanho. Claro que o campo territorial das pesquisas não prioriza somente Israel. Nosso desejo é estender os trabalhos na região da Síria, Jordânia, mas diante dos atuais conflitos não é possível expandir por demais o campo de pesquisa, o que nos obriga a priorizar a região da Grécia.

Grupo: E vamos ao terceiro chapéu.

Israël Finkelstein: Meu terceiro chapéu, e penso que isso vos interessa, é a história bíblica.³ Meu interesse pela Bíblia veio por meio dos meus estudos na esfera da arqueologia. Sobre tudo, na ânsia de reconstruir a história bíblica. A arqueologia me levou para o universo bíblico. Estou indo cada vez mais a fundo neste universo, em parceira com outros pesquisadores temos já publicados alguns trabalhos na Suíça, Alemanha e França. Os estudos bíblicos são muito significativos na Alemanha, onde me identifico. Lá, desenvolvemos um olhar similar junto aos textos bíblicos. Recentemente publicamos dois artigos tentando entender as diferenças nas tradições e leis em torno de personagens como Abraão e Jacó, no livro do Gênesis. Outro exemplo é nossa pesquisa junto ao livro de Crônicas. Neste livro buscamos verificar, entender as datas e a arqueologia territorial citados no texto.

Grupo: Como reagir diante de algumas interpretações de cunho mais ortodoxos, comentários provenientes de correntes mais fundamentalistas na interpretação dos textos bíblicos?

Israël Finkelstein: Oportuno afirmar que eu não sou contra esta ou aquela corrente hermenêutica. O que sei é que não sou um ingênuo, um fundamentalista. Faço a minha pesquisa com os rigores impostos pelos métodos exegéticos. Busco

³ Em 2001, em parceria com Neil Asher Silberman, Finkelstein publica um inquietante trabalho sobre a história do antigo Israel. O título original da obra é *The Bible Unearthed: Archaeology's new vision of Ancient Israel and the Origin of its Sacred Texts*, traduzido ao português com o título *A Bíblia não tinha razão*, São Paulo: A Girafa, 2003. Na obra, após oito anos de pesquisa, os autores relacionam os informes bíblicos com suas descobertas arqueológicas sobre o processo de ocupação e formação do povo de Israel.

compreender os rigores dos métodos que não são novos no universo da leitura e estudo bíblico. Estou numa linha pautada por Baruch Espinoza⁴ que estabeleceu as bases do método filosófico e teológico e que séculos mais tarde possibilitou o método histórico crítico que conhecemos hoje. Claro que por ser israelita e judeu a bíblia tem um significado, um valor quase que carnal, para meu universo cultural. O texto é muito importante para mim. Não estou indo somente para o lado do criticismo. Não me deixo influenciar por nenhum aspecto político. Estou no ponto de vista da pesquisa e, isso me é muito caro. Algo gratificante. Os textos bíblicos fazem parte do meu DNA... (risos). Estou convicto de que ler as páginas bíblicas de modo ingênuo, descontextualizado é reproduzir o desrespeito para com os seus autores. Os autores bíblicos foram verdadeiros gênios da humanidade. Produziram seus textos dentro de uma determinada cultura, numa determinada situação, dentro de um *background*, e ler esses textos de maneira ingênua, fora de seus contextos, não deixa de ser um desrespeito aos autores.

Grupo: Qual a exata especificidade entre os textos bíblicos e a arqueologia?

Israël Finkelstein: O texto bíblico é uma redação tardia. Ele foi escrito séculos depois de um determinado fato. A Bíblia não narra uma história ocular. Já, a arqueologia, que também é uma ciência, conta os fatos em tempo real. A arqueologia narra o exato momento do fato. Todas as vezes que tenho a minha frente um determinado texto bíblico eu me pergunto: *o que está acontecendo aqui? Porque estou vindo com uma ferramenta muito poderosa que é a arqueologia?* Por meio dos fragmentos arqueológicos podemos reconstruir um determinado momento histórico. Tal contexto histórico pode ser comprovado em todo o seu rigor, e eu não preciso justificá-lo com os textos bíblicos. Aqui está um ponto fundamental nesta relação bíblia e arqueologia. A arqueologia se impõe por si mesma. Outro aspecto que me inquieta é saber como relacionar um determinado texto com a arqueologia. Isto para mim é maravilhoso. Saber como a partir de uma narrativa, escrita num estilo próprio do hebraico antigo e, analisá-lo mediante aos estudos arqueológicos. Nesta interação entre ciências – hermenêutica e arqueologia – não há espaço para a ortodoxia, ao fundamentalismo. Estou convicto que os dois ambientes – Bíblia e Arqueologia – devem seguir mantendo um estreito diálogo. Outro ponto que destaco está em saber que existem duas formas de se olhar a história

⁴ Filósofo holandês de ascendência judaico-portuguesa, nascido em 1632. Seu comportamento expressa uma total fidelidade ao senso ético e radicalidade no uso da razão. O alvo máximo da razão humana é a felicidade. Em 1670 publica o *Tratado Teológico-Político*, após amargar sua expulsão dos círculos judaicos, ocorrida em 1656. Sua obra de maior relevo *A Ética* foi publicada postumamente no ano de 1677, ano de sua morte.

de um texto bíblico: um é o aspecto conservador ou fundamentalista; outro é o ponto de vista minimalista. Eu não me alinho a nenhuma dessas duas correntes. Opto por uma linha teórica na qual não estou sozinho e que se encontra entre estas duas tendências hermenêuticas.

Grupo: Como suas publicações vêm sendo recebidas em Israel e como conseguir apoio financeiro para as pesquisas?

Israel Finkelstein: Alegro-me em responder esta pergunta. Algo muito patriótico. Israel é um país por demais democrático. Não há nenhum tipo de censura no universo acadêmico. O dinheiro não vem diretamente do Governo, mas há uma fundação responsável em fazer a ponte entre Governo e a Universidade. Podemos fazer o que é necessário desde que ensinemos com o rigor da ciência. A fundação repassa o dinheiro independentemente da área de pesquisa, sem nenhuma ingerência política. - *Quantos dias vocês vão ficar em Israel?* Alguém do grupo responde: - *10 dias.* - *Ok!* Penso que em 10 dias vocês terão oportunidade de perceber como Israel é um país completamente diverso, onde não existe somente um olhar para os fatos. Tel Aviv, uma cidade liberal; Jerusalém, com um acento mais religioso, pessoas religiosas e não religiosas, ortodoxos e não ortodoxos, socialistas radicais e outras freneticamente capitalistas. T tamanha diversidade dificulta responder como minhas publicações são acolhidas por um determinado público.

Grupo: Pode nos dar um exemplo dessa diversidade israelense?

Israel Finkelstein: Muito simples. Quando sou convidado para um programa de entrevista na TV sempre os organizadores me colocam diante de alguém com ideias completamente opostas ao meu ponto de vista. Geralmente eles convidam um religioso ultraortodoxo. Afinal, o pessoal da televisão quer ver sangue... (risos). Eu reflito e falo sobre um determinado texto bíblico, minha opinião. O outro, imediatamente diz: - *Ok! Essa é tua opinião, mas eu tenho minha fé, meu modo de ver e interpretar esse mesmo texto.* - *O que você quer de mim?* Creio que esse tipo de resposta é positivo. Devemos entender que há mesmo uma linha que divide pesquisa e fé. Às vezes essas duas linhas se cruzam, mas na mente deve estar bem definido o que é a fé e o que é ciência. Outro exemplo é de um jovem, em Tel Aviv, que me encontrou e me disse: - *Olha Finkelstein, comprei o seu livro e o li em três dias.* Isso para mim não deixa de ser uma boa demonstração

de que meu trabalho é bem recebido em determinados setores da sociedade.

Grupo: Na estela do faraó Merneptah⁵ (1236 a 1223 a.C.) encontramos, pela primeira vez, uma nítida citação ao nome de Israel. Qual sua compreensão sobre esta referência?

Israël Finkelstein: De fato é a primeira citação ao nome Israel. Mas o problema é que somente 250 anos mais tarde, encontramos novamente o nome Israel, ligado ao reinado de Acaz. Este silêncio, este buraco de 250 anos é um desafio para a arqueologia. Outro desafio é que não temos como medir, ou melhor, conhecer a densidade desse Israel citado na estela de Merneptah. Não sabemos se se tratam de agricultores ou de um grupo de pastores sedentários ou nômades. Se eles viviam na planície ou nas regiões montanhosas em Israel ou na Transjordânia. Esse fato de citar Israel na estela, no final, deixa um grande espaço para as interpretações, pois não sabemos de que Israel se trata.

Grupo: Podemos pensar neste Israel vivendo em vilas ou cidades sem muralhas?

Israël Finkelstein: Sim. Mas isso procede do que eu disse: depende do tipo de interpretação. O importante é que estamos abordando as raízes do antigo Israel, do século XIII a.C. De alguma forma, a estela fornece um tipo de testemunho do surgimento de Israel a partir da população existente em Canaã na era do bronze.

Grupo: O que a arqueologia nos diz sobre o reino unido de Davi e Salomão?

Israël Finkelstein: Pode-se abordar esta questão tanto pelo lado dos textos bíblicos como pelo lado dos dados arqueológicos. Deixe-me começar pela arqueologia. No passado a arqueologia foi usada para legitimar aspectos religiosos, isto é, provar a existência de Jesus, a existência do templo de Salomão e outras preocupações neste sentido. Encontra-se uma arqueologia a serviço de uma afirmação religiosa. Mas esta não é a função e, muito menos, o objetivo da arqueologia. O objetivo final da arqueologia é verificar o que houve em um determinado período da história. Que civilização existia? Como eram as relações entre determinados grupos? Em Meguido, um dos primeiros lugares onde comecei meus estudos, quando juntei os diferentes materiais e resultados das pesquisas, constatei que não fazia sentido algumas afirmações em voga referente às datações ditas pela história bí-

⁵ *A semente de Israel não mais existe...* Trata-se de uma afirmação exaltando os triunfos realizados pelas forças egípcias, comandadas pelo faraó Merneptah que reinou entre 1213 – 1203 a.C. A estela – bloco maciço de granito escrita em hieróglifo – foi erigida em meados do ano 1207 a.C. e encontrada na região do Luxor, em 1896, pelo egiptólogo Flinders Petrie e, aponta *Israel* como um grupo de pessoas residentes em Canaã.

⁶ Os primeiros vestígios de ocupação em Beit Shean remontam ao IV milênio a.C. Seu nome está gravado sobre os muros de Karnak, Egito, durante o reinado do faraó Tutimosis III, 1460 a.C. A cidade está localizada na fértil região do vale do Jordão, na encruzilhada das rotas comerciais norte e sul, na Galileia e funcionou sem interrupção, do IV século a.C ao período bizantino (324 d.C – 638 d.C). Nas narrativas do deuteronomista, os filhos de José murmuram contra Josué por terem como herança terras dos cananeus cujos moradores possuem *carros de ferro, bem como os de Betsã e das cidades que dela dependem* (Js 17,16).

blica. Elementos datados do ano 1000 a.C. em Meguido, Bet Shean,⁶ reanalisados, seguindo outros métodos de pesquisa arqueológica e, com o apoio de outras ciências, acenam uma datação diferente. Essa cronologia poderia abaixar para os anos 900 a 800 a.C. Tal verificação resultam diferentes interpretações das mesmas questões. Há 15 anos começamos um debate no desejo de revisar as datações tradicionais no tocante ao mundo bíblico e, os resultados foram surpreendentes. Com o recurso de análise de carbono 14, o que antes era datado no período do rei Salomão, agora são tidos como de 80, 70 anos depois do reinado salomônico. O grande reino do Norte, bem como as importantes obras atribuídas ao rei Salomão, agora, são vistos como pertencentes à dinastia de Anri (885-874 a.C). Nesta fase, coloco minha cabeça a prêmio, pois os resultados entram em confronto com o que era defendido pela própria arqueologia há 15 anos. Para dar outro exemplo, cada amostra submetida ao teste de carbono 14 custa, aproximadamente, US\$ 1.000 e eu tenho – só de Meguido – cerca de trezentas peças para análises. Saibam que eu não pertencço às escolas que duvidam da existência de Salomão, pois há elementos que provam sua existência. Não temos nada fora da Bíblia capaz de provar a existência de Salomão. Tal realidade leva vários estudiosos a não creditar em sua existência. Eu não sou desse grupo, pois creio que há inúmeras provas para creditar nos reinos de Davi, Salomão e toda cadeia de monarcas, tal como nós a conhecemos. A questão é saber qual foram a jurisdição, o alcance desses reinados, as extensões desses reinos. Houve uma existência paralela de dois reinos: reinos de Judá e reino de Israel. Agora, sobre a monarquia unida, penso que há outra história. Quando lemos a Bíblia vemos tudo bem arranjado, cada peça em seu lugar. Tudo foi escrito no desejo de enaltecer um único reino. Mas a história aponta para outros caminhos. Deparamo-nos com uma construção teológica muito bem elaborada. Algo tipicamente teológico. Os textos descrevem o sonho de um reino único. Tal desejo teria sido escrito no tempo do reinado de Ezequias.

Grupo: Não poderia ter sido elaborado este vasto império no reinado de Josias?

Israël Finkelstein: Creio que este sonho de um vasto reino pode ter ocorrido no momento em que um grande número de pessoas – em pleno cerco assírio – deixou a região da Samaria passando a habitar no reino de Judá. Tal mudança demográfica foi sumamente importante. Vale ressaltar que a

sociedade israelita, na época da dominação do reino da Assíria já era pan-israelita. Muitas pessoas passaram a residir ao redor da cidade de Jerusalém, com mais migrantes do Norte do que propriamente do Sul. Vale ressaltar que para fazer parte desse grupo, tudo teve um preço. Primeiro, aceitar a supremacia da dinastia davídica e, o segundo, a soberania do templo de Jerusalém.

Grupo: Como você compreende a existência do reino do Norte?

Israël Finkelstein: Estou convicto que o reino de Israel era muito mais importante do que o reino de Judá na antiguidade. Todas as grandes tradições foram provenientes do reino do Norte. Não tenho dúvidas sobre isso. Por volta dos anos 750 a.C., Israel tinha total supremacia. Hoje, ao lermos a Bíblia temos a impressão de que Judá era a grande história. Isso é decorrente do colapso do reino do Norte. Israel sempre foi a fonte de grande história, com seus exércitos, suas tradições dinásticas, seus templos, suas riquezas. Os grandes personagens como Elias, Josias, Amós, Moisés são tradições originárias do reino do Norte. Oportuno voltar à primeira questão. Meu trabalho é reconstruir a história com as ferramentas que tenho em mãos, não considerando somente o texto, mas as demais ferramentas. Deixo-me ser pautado pela arqueologia independentemente do texto. Com os instrumentos disponíveis na ciência arqueológica, somados a química e física, tenho plena convicção que não houve nenhuma possibilidade de erigir um reino no Sul, isto é, Judá e sua capital Jerusalém, antes dos anos 800 a 700 a.C. Essa é a certeza que tenho em mãos hoje. Estou consciente que tal afirmação pode mudar, pois a arqueologia desenvolve-se rapidamente e as teorias não ficam para trás. Tal ressalva é necessária para se evitar qualquer tipo de afirmações também fundamentalistas no universo da arqueologia.

Grupo: Para terminar, qual o conselho para um jovem que deseja estudar arqueologia?

Israël Finkelstein: Eu aconselhei as minhas filhas a estudarem direito... (risos). Brincadeiras a parte, a carreira é difícil por não haver muito espaço de trabalho e por haver muitas pessoas talentosas desejosas por ocupar o mesmo espaço. Vejamos alguns dados. No ano passado abrimos uma vaga no departamento. Vinte pessoas concorreram. Dentre essas, quatorze tem a capacidade de atuar em qualquer universidade dos Estados Unidos. Uma realidade trágica para pessoas

com a média de trinta anos de idade e que precisam de trabalho. Eu estou feliz por encontrar, cada vez mais, pessoas desejosas de estudar arqueologia. Mas o caminho profissional não é fácil. É bom levar em conta que é preciso, em média, quinze anos de estudo para preencher suas inquietações acadêmicas e conseguir algum resultado profissional.